

Oficinas de grafismo Karajá em bonecas de pano: um olhar para a cultura indígena em projeto de extensão universitária

RESUMO

Debateremos neste artigo a modalidade oficina como proposta do projeto de extensão: “diversidade cultural indígena na sociedade brasileira”. Problematizamos as questões de reconhecimento da diversidade cultural dos povos originários brasileiros. Com o propósito de ampliar os saberes referentes aos povos originários para aqueles/aquelas que visitam o Museu de Arte Indígena (MAI), situado na cidade de Curitiba-PR, bem como, estreitar possibilidades educativas ofertamos oficinas de grafismo Karajá em bonecas de pano, feitas com resíduos têxteis. Dessa forma, nos pautamos em aspectos metodológicos da pesquisa-ação, dentre eles as abordagens qualitativas, interpretando crenças, valores, sentimentos e percepções, e as oficinas, que se transformaram no caminho oportuno de ação no campo. Assim sendo, utilizamos, para registro das ações, o diário de campo composto por falas, reações e imagens fotográficas dos participantes, que foram essenciais para compreender as dinâmicas de contextos que vivem os povos originários no Brasil. O centro das atenções esteve na interpretação dos participantes, na formação de experiências e na potência das oficinas como parte da educação patrimonial em vias de reconhecimento da cultura indígena. Neste caminhar de muitas vias com a pesquisa, as pesquisadoras e os participantes travaram diálogos e interagiram a partir do grafar as bonecas inspiradas na cultura karajá no qual permitiu a construção coletiva de universos simbólicos deste grupo específico de indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura indígena Karajá. Extensão. Oficina.

Elisangela Christiane de Pinheiro Leite Munaretto
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Curitiba, Paraná.

Maclovía Corrêa da Silva
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Curitiba, Paraná.

INTRODUÇÃO

Medidas para a superação do preconceito e da falta de conhecimento sobre a história e as tradições indígenas são de fundamental relevância para a inclusão dos povos originários na sociedade brasileira. Assim, temos nos meios educativos o locus para a ampliação do debate sobre a cultura brasileira, sendo necessário repertoriar as crianças, adolescentes e adultos com conhecimentos e saberes reconstrutores da nossa identificação com as origens. Os espaços museológicos ao assumirem parte desse compromisso legitimam a educação patrimonial em movimentos de vai e bem, nos quais a escola vai ao museu ou o museu vai à escola.

Diante desse cenário, idealizamos meios científicos de trabalhar as questões de reconhecimento da diversidade cultural dos povos indígenas, em especial do grupo Karajá, por meio de oficinas. Esta técnica metodológica, com abordagem qualitativa, aspectos da pesquisa-ação e interpretativa, ocorreu no espaço do Museu de Arte Indígena (MAI), situado na cidade de Curitiba-PR, e fez parte das ações extensivas do projeto de extensão do Departamento de Extensão da UTFPR intitulado “Diversidade cultural indígena na sociedade brasileira”.

A utilização da modalidade oficina, enquanto estratégia educativa escolhida para articular os saberes referentes ao reconhecimento e a valorização da presença cultural dos povos indígenas no cotidiano da nossa sociedade, também colaborou para trabalhar o tema dos resíduos sólidos urbanos (RSU). Acreditamos que a oficina abre portas para a interação entre os participantes, a produção e apropriação de saberes e conhecimentos, e promove momentos de sensibilização. Procuramos aliar nosso interesse acadêmico de introduzir o tema central da diversidade cultural indígena, por meio do contexto do grupo Karajá, com as ideias de sustentabilidade, de reaproveitamento de resíduos têxteis, e a ludicidade da arte de grafar, tão presente no cotidiano da humanidade.

Na tentativa de fazer encontrar a arte do grafismo, a diversidade cultural e os processos pedagógicos em relação aos conteúdos e metodologias que abordam a etnia indígena, apoiamos-nos em saberes e conhecimentos apropriados pelos participantes durante a visita guiada do MAI e em registros feitos em diário de campo. Sendo assim, foram coletadas imagens fotográficas e falas em meio à participação do público nas oficinas de grafismo em bonecas de pano inspiradas na cultura Karajá, ministradas após a visita ao espaço do museu.

Acreditamos que os grafismos com elementos dessa cultura em bonecas estilo Ritxòkò, feitas exclusivamente de resíduos têxteis tenha sido um recurso lúdico que permitiu fixar conteúdos, desdobrar modos de apropriação da diversidade cultural e acessar novas ideias didático-pedagógicas. Uma vez que se quer inserir contextos educativos para a representação e valorização indígena, é preciso fazer reviver memórias desconstruídas pelo processo de colonização portuguesa.

MATERIAIS E MÉTODOS

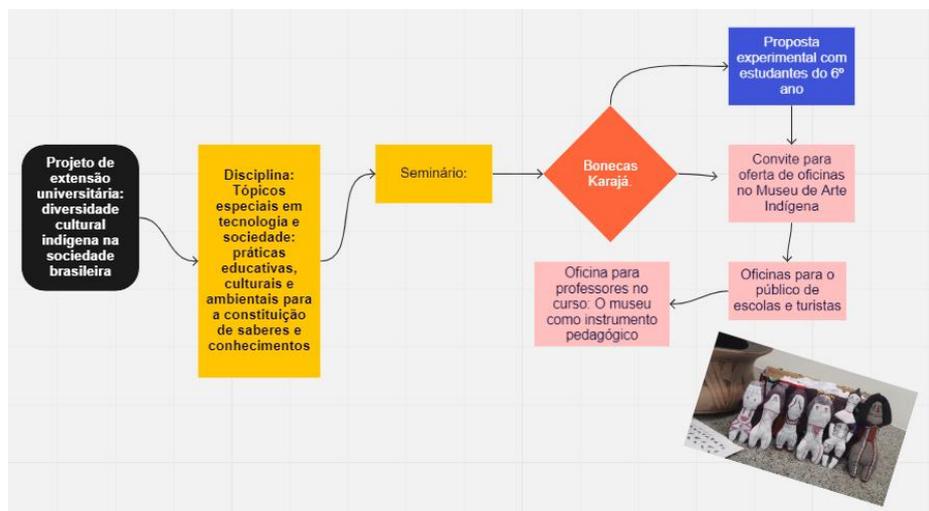
As oficinas como uma das ações do projeto de extensão universitária: diversidade cultural indígena na sociedade brasileira está pautado na abordagem qualitativa, e explorou aspectos das técnicas da pesquisa-ação. Segundo Thiollent (1986, p. 14) trata-se de “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”, que inquietam pesquisadores e os fazem atuar em diversos contextos.

Retomando o início da idealização do projeto extensionista, que nasceu durante o evento pandêmico, inserido em uma disciplina da pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), verificou-se, por meio de palestrantes indígenas, que a diversidade cultural das etnias é uma realidade a ser estudada. Os grafismos são frutos do simbolismo das crenças, dos valores e da religião. Na disciplina intitulada “Tópicos especiais em tecnologia e sociedade: práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos”, o MAI teve uma participação significativa, e apresentou uma visita guiada *on-line*, além de apresentações institucionais realizadas pela proprietária, Juliana Podolan Martins e pelas técnicas Jaqueline Marcondes e Samantha Donner. A partir desses eventos, o diretor de projetos do MAI fez o convite para as pesquisadoras ofertarem aos visitantes, principalmente grupos de estudantes de ensino fundamental, as oficinas de bonecas Karajá em tecido. Este tipo de atividade existe no MAI, porém os bonecos são feitos com materiais moldáveis, e não incluem os grafismos.

De posse deste convite, nos responsabilizamos pelo tema das bonecas Karajá que, aliado à pesquisa de doutorado sobre os resíduos têxteis, nos mobilizou a criar moldes de bonecas inspirados nas Ritxòkò. Vale destacar, que em caráter experimental, fizemos uma proposta metodológica com adolescentes do 6º ano de uma escola pública, na qual uma das pesquisadoras atua como professora de Educação Artística e Arte. Essa experiência foi exibida no seminário da disciplina da pós-graduação, e recebeu o convite do diretor de projetos do MAI para adaptá-la às atividades educativas do MAI.

Para tal proposta escolhemos a modalidade oficinas, as quais ocorreram em dois momentos distintos, sendo o primeiro entre abril e maio com estudantes de escolas agendadas e em junho com um público interessado em utilizar o museu como estratégia metodológica. Essa segunda ação fez parte do curso: “O museu como instrumento pedagógico” que ocorreu nos dias 22 e 23 de junho de 2022. Neste curso, a oficina adquiriu o status de possibilidade pedagógica, junto à visita ao museu. Na figura 1, a seguir, é possível observar a trajetória do projeto extensionista, em relação às oficinas realizadas no MAI.

Figura 1: Percurso do projeto de extensão em relação às oficinas



Fonte: as autoras, 2022.

As oficinas foram registradas em diário de campo que de acordo com Triviños (1987) é uma espécie de produto feito pelo pesquisador para apurar as percepções observadas livremente. As narrações descritas no diário de campo foram construídas a partir de fotos e falas captadas nos momentos de interação e do fazer grafismo nas bonecas de pano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A modalidade oficina como estratégia pedagógica no espaço de museus é um dos encaminhamentos possíveis da educação patrimonial, pois é um modo de estreitar saberes que foram observados durante as visitas realizadas. O conceito de educação patrimonial segundo registros do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (2014) é uma expressão que foi introduzida no Brasil a partir do 1º Seminário sobre o uso educacional de museus e monumentos, ocorrente na cidade de Petrópolis (RJ) em 1983. A composição dessa expressão se desenvolveu como metodologia, inspirada no modelo inglês, sendo lançados, mais tarde, materiais que subsidiariam as ações educativas nos museus pelo IPHAN, considerando o contexto brasileiro.

No Museu de Arte Indígena (MAI) há um espaço especialmente reservado para as bonecas Ritxòkò, conforme pode ser observado na figura 2. Esta vitrine é mostrada aos visitantes no final da visita mediada, e na sequência, os visitantes dirigem-se ao espaço térreo para fazer, caso queiram, uma oficina de bonecos com materiais moldáveis. Em relato de exploração etnográfica entre os karajás, o antropólogo alemão Paul Ehrenreich fala sobre a cultura material, em que as bonecas são “a representação plástica de figuras humanas de cera e barro não cozido” (EHRENREICH, 1948, p. 58). Por ocasião das oficinas de grafismo em bonecas e bonecos de pano, estas passaram a substituir aquelas oferecidas pelo

MAI. As pesquisadoras receberam os visitantes neste momento, no qual se lhes pedia mais atenção para os grafismos dos objetos feitos em cerâmica.

Figura 2: Bonecas Ritxòkò do acervo do MAI



Fonte: as autoras, 2022.

É relevante salientar que nos últimos anos, o Brasil assumiu diversas frentes educacionais debruçadas à preservação patrimonial com diferentes metodologias e projetos, sendo a oficina uma dessas possibilidades. Nas oficinas pode haver um espaço interativo de trocas nas ações entre os grupos. Isto ocorre em relação aos conhecimentos associados em que a manufatura se encarrega de deixar fluir processos de horizontalidade de saberes (FIGUEIRÊDO et al., 2006).

Reiteramos que a modalidade oficina, alinhada à visita mediada no espaço do MAI, pode ser uma oportunidade para ampliar o repertório sociocultural de crianças, adolescentes e adultos. De acordo com Funari (2011), a escola, espaço de debates e reflexões, pode ampliar as discussões sobre a temática indígena, inserindo atividades e visitas, de modo a quebrar os estereótipos que ainda persistem na elaboração de planos pedagógicos. Como o MAI abre suas portas para as escolas, e ele recebe estudantes, matriculados em instituições públicas e privadas, as pesquisadoras encontraram esta oportunidade de ofertar oficinas para este público visitante, independentemente de qualquer planejamento escolar.

Nessas ocasiões crianças e adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer o museu e a visita mediada se encerrava frente à exposição de bonecas Ritxòkò, conforme figura 2. Com esta ação, tínhamos o objetivo de fluidamente inserir o contexto temático da oficina de grafismo Karajá. “Partimos do pressuposto que as oficinas são espaços com potencial crítico de negociação de sentidos, permitindo a visibilidade de argumentos, posições, mas também deslocamentos, construção e contraste de versões” (Spink et al., 2014, p. 33).

Cada grupo trazia consigo várias questões, especialmente, em relação à pintura corporal e as marcas que os não-indígenas carregam em seus corpos quando se propõem a fazer uma tatuagem, por exemplo. Dando sequência, caminhávamos juntos com os/as estudantes à sala organizada para a oficina. Era assim feito o acolhimento a eles/elas, e após a acomodação, fazíamos a exposição de bonecos inspiradas nas Ritxòkò feitas por nós em resíduos têxteis (ver figura 3).

Silva (2021), ao tratar da cultura material, e das tintas usadas para colorir as bonecas e partes do corpo, explica sobre a preferência pelas cores vermelha e preta. “A tinta preta pode ser obtida por meio de duas fontes diferentes: o jenipapo e o ixarurina [...]” e “a tinta vermelha é obtida a partir da maceração das sementes do urucum com um pouco de água” (Araújo, 2016, p. 84).

Figura 3: Educativo do MAI para a realização da oficina



Fonte: as autoras, 2022.

A organização da sala do espaço educativo do MAI, previamente pensado para o acolhimento de estudantes e visitantes, é uma etapa do planejamento museológico, que prevê a leitura visual e sensitiva antecipando as ações que serão realizadas. Nesse sentido, é necessário que os espaços educativos dos museus estejam preparados para a promoção da interatividade no fazer artístico, por meio da organização de materiais e o acesso a eles. Conforme Gomes (2013), os museus são espaços educativos não formais, os quais trabalham para incrementar os processos de construção dos conhecimentos científicos “adicionando ludicidade à ação pedagógica e favorecendo estrategicamente uma espécie de religação de conhecimentos” (p. 13).

Os/As estudantes ao adentrarem neste espaço ficavam curiosos e mantinham a atenção para o que seria feito. Percebemos esta ansiedade, particularmente, pelas perguntas que foram sendo feitas sobre o que viam sobre as mesas: cestas indígenas com retalhos têxteis, cesto com canetas pretas e vermelhas e cadeiras em torno de mesas. Com a rapidez, os grupos escolhiam suas mesas junto aos seus amigos. “O crucial, nesse tipo de oficina, é o acordo implícito que se estabelece entre eles, motivado pelo entusiasmo de fazer parte do acontecimento, do qual dependerá o sucesso do empreendimento” (JOAQUIM; CAMARGO, 2020, p. 13).

A oficina, como modalidade pedagógica, incita o sentimento de satisfação provindo do ato de fazer, especialmente, com o público infantil, o qual se debruça, com prazer, sobre as práticas “mãos na massa”. Segundo Resnick (2020), esse tipo de ensino propicia a criatividade e o pensar brincando. Nesta linha de pensamento, idealizamos o desenho, os grafismos e a escrita sobre o suporte de pano, criando um ser, um ser que se pinta e é pintado por alguém que o cria. Trata-se de um boneco que carrega histórias de vida e significados de uma etnia, que ensina e que aprende, que cria momentos de interação e de associação de ideias.

Vale ressaltar que tínhamos como premissa a transposição do desenho em papel para outros suportes, e que a cerâmica não seria viável, pela estrutura que o material demanda para ser trabalhado. Quando o comando foi dado para grafar sobre os bonecos recheados de retalhos têxteis, brotaram perguntas sobre a realidade do ato. Destacaram-se as habilidades dos participantes para riscar, colorir e preencher desenhos com tinta de canetas esferográficas. Sim, o trabalho da arte podem ser grandes “vetores de existencialização” - como diz Guattari (RAUTER, 2000, p. 268).

Sendo uma experiência inusitada para os participantes, eles e elas queriam rapidamente encher os bonecos e bonecas com os resíduos têxteis para começar imediatamente o grafismo. Dado o curto espaço de tempo, e a necessidade de retornar às instituições de ensino antes das 17 horas, eles e elas preferiram se dedicar à criatividade, ao ato de dar forma e caracterizar o boneco de tecido. Foram deixados às mesas modelos de grafismos da etnia Karajá e os bonecos prontos que faziam parte das apresentações das pesquisadoras. Vale destacar que “a arte é sempre desestabilização de antigos e criação de novos territórios” (Ibid, 2000, p. 273).

Havia também na sala educacional dois bonecos Karajá em cerâmica que foram doados e ainda não estavam catalogados, os quais foram deixados expostos para modelo. Vale ressaltar, que sempre houve um planejamento mental individual e coletivo que precedeu a execução, sobre o qual os participantes traçaram o que queriam grafar nos suportes de pano. Havia a escolha entre criar um homem ou uma mulher, um jovem ou uma jovem, um menino e uma menina. Foi muito frequente a criação de si mesmo, ou algo para si mesmo ou si mesma (ver figura 4). “A identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos ora por nossos pais e amigos, e cobrados direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos” (SILVA, 2006, p. 122).

Figura 4: Participantes em meio ao ato de grafar na oficina



Fonte: as autoras, 2022.

Aspectos de sustentabilidade do Planeta foram mencionados, em especial nos momentos de preenchimento dos bonecos reaproveitando resíduos têxteis. A intenção didático-pedagógica foi abordar a questão da produção de resíduos e o descarte adequado. Logo, é preciso ressignificar os resíduos, de modo que eles não sejam descartados na terra, rios, mares e oceanos. Assad (2016) diz que “lixo é um produto da cultura humana” (p. 22). Este problema também ocorre com os povos originários, que consomem produtos industrializados e descartam embalagens. A arte indígena brasileira, que fazia uso de materiais naturais, está se modificando, e assim, adotando produtos de origem plástica, como é o caso dos colares e pulseiras de contas.

O aumento na produção de lixo não tem sido somente um problema dos centros urbanos, mas pode ser percebido também em comunidades tradicionais, como os povos indígenas. Nesse contexto, é significativo destacar que, na sociedade tradicional indígena, não existia lixo, pois os resíduos encontrados nesses ambientes eram facilmente destruídos ou decompostos pela natureza (Cornélio *et al.*, 2019, p. 576).

Diversos grupos de estudantes em dias alternados visitaram o MAI, a partir do agendamento das escolas, participaram das oficinas, e puderam levar os bonecos feitos por eles/elas, para casa. As experiências oficinairas com os/as estudantes nos forneceram base para ministrar oficinas de grafismo em bonecas Ritxòkò, com o público de professores. Spink, Menegon e Medrado (2014, p. 34), ao tratarem das oficinas, do ponto de vista teórico-metodológico, veem estes espaços como momentos de trocas dialógicas e construção de sentidos “cujos procedimentos metodológicos, à primeira vista, parecem articular grupos focais (Ressel *et al.*, 2008), estratégias de dinâmicas de grupo (Spink, 2003a), e rodas de conversa (Méllo, Silva, Lima, & Paolo, 2007)”.

Essa ação de dinâmica de grupo foi realizada entre os dias 22 e 23 de junho de 2022, e fez parte do curso oferecido pelo MAI: uso do museu como instrumento pedagógico. As inscrições para o curso foram feitas através de um link que foi enviado por e-mail e por aplicativos de mensagens para escolas (ver figura 5).

Figura 5: Cartaz do curso para professores



Fonte: as autoras, 2022.

É preciso destacar que esse cartaz foi feito pela bolsista do projeto de extensão, estudante de Design na UTFPR Nathalia Meira Haach, e que não foi o usado pelo MAI, que tem seus padrões próprios de divulgação de eventos. Ele foi usado livremente para facilitar as inscrições de outros públicos conhecidos pelas pesquisadoras. Estas controlaram o número de inscritos e inscritas para poder organizar o material necessário (MAI, 2023).

Para o curso foi planejado que a visita mediada terminaria na sala em que ficam expostas as bonecas Ritxòkò que são denominadas como “família” (ver figura 2). “É cada vez maior a consciência de que o mediador é, de certa forma, a “voz” da instituição, o elemento de ligação entre o museu e o público” (Marandino, 2008, p. 12). As pesquisadoras acompanharam os visitantes na sala em que há outra vitrine das bonecas e artefatos, conforme a figura 6. Neste momento, a mediadora passou a palavra para as pesquisadoras. Na sequência, todos se dirigiram para um espaço lúdico do MAI que é uma oca, representada pela forma oval com estruturas em madeira, no qual as cadeiras foram dispostas em círculo. Marandino (2008) diz que as atividades no museu precisam ter caráter lúdico e divertido, com momentos de relaxamento, descanso e descontração.

Figura 6: Sequência de imagens entre a mediação e o espaço da oficina



Fonte: as autoras, 2022.

Segundo o dossiê de reconhecimento das bonecas Ritxòkò do IPHAN (Lima *et al.*, 2011), as meninas por volta dos cinco ou seis anos recebem uma família de bonecas que são a representação de todas as fases de vida da comunidade Karajá. Configura-se para eles/elas como um brinquedo pedagógico que ensina como deve ser conduzido o povo Karajá e as suas famílias no decorrer de suas vidas.

Estas formas de entender a vida, as funções dos pertencentes ao grupo, as famílias e o futuro foram apresentados para os participantes das oficinas, no preâmbulo. Não havia mesa para apoiar o trabalho de grafismo e cada pessoa encontrou um modo de trabalhar. “O espaço físico em um museu também determina a forma com que a visita é realizada” (Marandino, 2008, p. 20). Assim, no trabalho do grafismo sobre as bonecas de pano poder-se-ia representar a idade, a masculinidade ou a feminilidade, a etnia, crenças, dentre outros aspectos (IPHAN, 2012). Nas oficinas realizadas com os professores e professoras inscritas, no período noturno, a dinâmica divergiu das registradas com os grupos de crianças e adolescentes. Houve a predominância por compreender a forma como planejamos a oficina, dessa forma, eles/elas observaram com acuidade a apresentação do material didático e os conteúdos.

Reiteramos que organizar uma oficina requer um tempo anterior de preparação atenta e cuidadosa para prever as possíveis situações que podem ocorrer. “A perspectiva não disciplinar iluminando a prática das oficinas, rompe como funcionamento escolar disciplinar do tempo porque a oficina não cabe nos ritmos e rotinas temporais da educação formal” (PEY, 1997, p. 46-47). Simultaneamente, o espaço das oficinas, por tratar de elementos culturais, da estética e das materialidades manuseadas, necessita de extremo cuidado. Nesse quesito, acolhemos com surpresa a fala de participantes do segundo dia da oficina, que ao se depararem com os murais feitos pelas pesquisadoras, tiveram uma reação de admiração. O elogio estava relacionado à comunicabilidade e visibilidade dos materiais. Em oficinas, é necessário “que alguns materiais sejam produzidos ao longo de seu desenvolvimento. Não raro, estas produções se emancipam dos seus criadores para reverberar em outras salas de aula, na forma de materiais didáticos” (Joaquim; Camargo, 2020, p. 13).

Nossa escolha em trabalhar com o mural, ao invés de uma apresentação digitalizada no computador, foi porque tínhamos o desejo de aproveitar painéis de isopor, utilizados para expor outros materiais, que teriam como destino o descarte. Foi surpreendente a leitura dos conteúdos dos materiais por parte dos participantes, e o prazer que eles tiveram em usá-los para fazer as escolhas sobre os grafismos.

Figura 7: Disposição dos materiais didáticos com os trabalhos de estudantes das escolas públicas



Fonte: as autoras (2022).

Ainda em relação ao preparo das materialidades para a oficina, os grupos ficaram surpresos com os bonecos expostos que foram feitos pelas crianças em outro momento, tanto no suporte papel quanto no pano. Concordamos com Rauter (2000, p. 269) que quando falamos sobre “produção da vida material implica sempre falar de produção da vida em primeiro plano. E isso possivelmente justifica a demonstração de curiosidade com relação aos bonecos feitos de resíduos têxteis por nós. Os participantes se interessaram pela ideia do desenho do molde como possibilidade criativa e o uso dos resíduos têxteis (ver figura 7).

A curiosidade e o entusiasmo dos participantes, expressos nas interações e conversas, em relação à organização do espaço da oficina como parte integrante da visita mediada, nos revelaram que a modalidade oficina é uma metodologia interessante para encaminhar processos de olhares atentos sobre a cultura indígena. A oficina extrapolou o ato de produzir algo, pois antes disto, foi o lugar de encantamento, debate, trocas e diálogos entre os participantes e as pesquisadoras que escolheram a temática indígena como foco das atividades. Nesse direcionamento, concordamos com Rauter (2000, p. 271) ao nos instruir que o trabalho artístico com oficinas pode funcionar como “catalizadores da construção de territórios existenciais”, possibilitando conexões com o cotidiano dos participantes.

Dessa maneira, percebemos que foram duas noites, com dois grupos de pessoas interessadas em aprender e repassar saberes e conhecimentos sobre a diversidade cultural indígena. Esta afirmativa pode ser comprovada pela quantidade de perguntas sobre como poderiam dar continuidade ao aprendizado, como transformá-lo em conteúdos curriculares, pelas associações entre as informações da visita mediada e a cultura Karajá, e pela interação entre pessoas que até então não se conheciam. Nesse sentido, remetemos ao que Figueirêdo et al. (2006, p. 6) dizem: a metodologia de oficina “pedagógica, busca contribuir para

a construção e consolidação de relações educacionais e sociais baseadas na interação, na solidariedade, na cooperação, no fazer coletivo, na valorização dos saberes e experiências de cada um”.

Dessa acepção, observamos que a oficina como processo educativo no espaço do MAI propõe o acesso às manualidades, ao fazer artístico, e ao espaço do debate. Como vemos na figura 8, os grafismos assemelham-se aos significados que cada pessoa quis dar para seu objeto, mas que inicialmente, foi inspirado na observação dos conteúdos dos materiais didáticos. Não houve o momento do preenchimento dos artefatos com os resíduos. Para agilizar o processo, e devido ao curto espaço de tempo, eles já estavam prontos para receber a arte do grafismo.

Figura 8: Bonecos com grafismos realizados pelos participantes



Fonte: as autoras (2022).

Nesse direcionamento, tivemos momentos de um fazer que se deu no campo artístico e crítico, e que não se isentou de revisitar o contexto indígena de forma reflexiva. Marandino (2008, p. 15) nos ensina que é necessário olhar para os mais diferentes contextos educativos para então “refletir sobre aproximações e diferenças” se temos intenção em ampliar as ações educativas no museu. Em função disso, acreditamos que o MAI tem potencialidades para fazer das oficinas uma rotina que pode enriquecer corações e mentes com saberes e conhecimentos necessários para aproximar pessoas, objetos e histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades extensionistas direcionam oportunidades de debates plenos de objetividades e subjetividades que fazem parte de contextos diversos, e que procuram aproximar interesses universitários e comunitários para a criação e apropriação de saberes. Em museus, espaços que salvaguardam o patrimônio cultural, as visitas inspiram as pessoas e promovem diálogos entre os objetos, histórias e imaginação. Um projeto de extensão que visa trabalhar a diversidade cultural indígena precisa contar com a colaboração destas instituições para partilhar seus acervos.

Este é o caso do MAI, que abriu as portas para as pesquisadoras tendo como meta o diálogo entre a universidade e a comunidade em vias da integração de

saberes locais, regionais e nacionais. Considerando isso, os espaços do MAI, que salvaguardam o patrimônio cultural indígena, têm o objetivo de fazer a mediação entre o público e o acervo, em projetos que se configuram educativos, portanto, podem estar atrelados aos projetos de pesquisa e extensão.

Por sua vez, os projetos extensionistas pretendem aproximar as necessidades de comunidades locais das possibilidades de contrapartida, e no caso das oficinas, discentes e docentes usufruíram de momentos complementares de ensino e aprendizagem de visitas mediadas, representando uma forte flexão no contexto revisitado sobre a cultura indígena.

Nesse direcionamento, a prática de oficinas como metodologia mostrou-se um caminho para a sensibilização de pessoas não-indígenas à riqueza cultural indígena. Acreditamos que os grafismos em bonecas estilo Ritxòkò, feitas exclusivamente de resíduos têxteis, tenha sido um recurso lúdico que permitiu acessar novas ideias. Simultaneamente, foram trabalhadas as questões de resíduos têxteis e de sustentabilidade, com o reaproveitamento de materiais doados, uma vez que os suportes para grafar não foram gerados a partir do consumo de materiais.

Os participantes das oficinas, crianças, adolescentes e adultos entenderam a proposta das atividades extensionistas de educação patrimonial, e discutiram sobre estes temas relevantes presentes nas comunidades indígenas durante a interação. Houve também a intenção das pessoas em considerar a arte de grafar uma prática da cultura indígena, a qual não é feita aleatoriamente, e sim faz parte de contextos específicos das rotinas destes povos originários. Pode-se aludir que os grafismos de cada pessoa nos suportes de pano, bem como o uso do material didático organizado, deixaram visualizar suas compreensões sobre o tema da diversidade cultural indígena na sociedade brasileira.

Karajá cloth doll graphics workshops: a look at indigenous culture in a university extension project

ABSTRACT

In this article we discuss the workshop modality as a proposal of the extension project: "indigenous cultural diversity in Brazilian society". We problematize the issues of recognition of the cultural diversity of Brazilian native peoples. In order to expand the knowledge about indigenous peoples to those who visit the Museum of Indigenous Art (MAI), located in the city of Curitiba-PR, and narrow educational possibilities, we offer workshops on Karajá graphics on cloth dolls, made with textile waste. In this way, we based ourselves on methodological aspects of action research, among them the qualitative approaches, interpreting beliefs, values, feelings and perceptions, and the workshops, which became the opportune way to act in the field. Thus, we used, to register the actions, the field diary composed of speeches, reactions and photographic images of the participants, which were essential to understand the dynamics of the contexts in which the native peoples live in Brazil. The center of attention was in the interpretation of the participants, in the formation of experiences, and in the potency of the workshops as part of the heritage education in the way of recognition of the indigenous culture. In this path of many paths, in which the research, the researchers and the participants engaged in dialogues and interacted, graphing the dolls inspired by the Karajá culture allowed the collective construction of symbolic universes of this specific indigenous group.

KEYWORDS : Karajá indigenous culture. Extension. Workshop.

NOTAS

Os materiais referentes ao projeto de extensão podem ser encontrados no site: <https://projetoextensionis.wixsite.com/projetoindigena/sobre-n%C3%B3s>

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gustavo de Oliveira. **Com quantos paus se faz uma boneca?** _ “Entalhes de uma etnografia da boneca de madeira Karajá. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Goiânia, 2016. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/188/o/2014_-_Gustavo.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

ASSAD, Leonor. Apresentação - lixo: uma ressignificação necessária. **Ciência. Culto**, São Paulo, v. 4, p. 22-24, dez. 2016. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000400009&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 10 out. 2023.

CORNÉLIO, I.; MOURA, G. S.; STOFFEL, J.; MUELBERT, B. Estudo dos resíduos sólidos domésticos da terra indígena Rio das Cobras no município de Nova Laranjeiras, PR. Campo Grande, **Interações**, v. 20, n. 2, p. 575–584, abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/ttDTqJMMj4YCYsGqVmkrfTR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023.

EHRENREICH, Paul. Contribuições para a etnologia do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, N. S., v. 2, p. 7-135. São Paulo, 1948. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio:ehrenreich-1948-contribuicoes/ehrenreich_1948_contribuicoes.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

FIGUEIRÊDO, Maria do Amparo Caetano De; SILVA, José Roberto Da; NASCIMENTO, Elizângela de Souza; SOUZA, Viviane De. METODOLOGIA DE OFICINA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. **Revista Eletrônica Extensão Cidadã**, [S. l.], v. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/extensaocidada/article/view/1349>. Acesso em: 21 ago. 2022.

FUNARI, Pedro Paulo. Entrevista sobre o livro: **A temática indígena na escola: Subsídios para os professores**. Publicado em 03 de agosto de 2011. Disponível em: [Entrevista com Pedro Paulo Funari sobre o livro "A temática indígena na escola: subsídios para os professores" - Blog da Editora Contexto](https://www.editoracontexto.com.br/entrevista-com-pedro-paulo-funari-sobre-o-livro-a-tematica-indigena-na-escola-subsidios-para-os-professores/). Acesso em: 13 jan. 2023.

GOMES, Adriane Gonçalves. **O museu como espaço educativo não formal de construção de conhecimento científico: usos e práticas de ensino no Sítio de Anchieta – Espírito Santo**. Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2013. Disponível em:

[https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/228/DISSERTA%
c3%87%83O Museu espa%ca7o educativo n%ca3o formal.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/228/DISSERTA%c3%87%83O%20Museu%20espa%ca7o%20educativo%20n%ca3o%20formal.pdf?sequence=1&isAllowed=y) . Acesso em: 10 out. 2023.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. Disponível em: [Educacao Patrimonial.pdf \(iphan.gov.br\)](http://educacao.patrimonial.gov.br). Acesso em: 13 jan. 2023.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Bonecas Karajá: Novo Patrimônio Cultural Brasileiro**. 25 jan. 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1190/bonecas-karaja-novo-patrimonio-cultural-brasileiro>. Acesso em: 10 out. 2023.

JOAQUIM, F. F.; CAMARGO, M. R. R. M. D.. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: OFICINAS. **Educação em Revista**, v. 36, p. e218538, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/J5G58pGL7dHCzHF36S94mZs/#>. Acesso em: 10 out. 2023.

LIMA, Nei Clara de et al. Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia. **Dossiê Descritivo do modo de fazer ritxòkó**. Goiânia: Museu Antropológico, Universidade Federal de Goiás, IPHAN. 2011. Disponível em: portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bonecas_karaja_m.pdf. Acesso em: 13 jan. 2023.

MAI. Museu de Arte Indígena. Disponível em: <https://maimuseu.com.br/>. Acesso em: 10 out. 2023.

MARANDINO, Martha (org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo, SP: Geenf / FEUSP, 2008. Disponível em: <http://www.geenf.fe.usp.br/v2/wp-content/uploads/2012/10/MediacaoemFoco.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

PEY, M. O. Oficina como modalidade educativa. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 15, n. 27, p. 35-63, jan./jun. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10564/10098> . Acesso em: 10 out. 2023.

RAUTER, C. Oficinas para quê? Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In: AMARANTE, P. (org). **Ensaio**: subjetividade, saúde mental, sociedade [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000. Loucura & Civilização collection, p. 267-277. Disponível em:

<https://books.scielo.org/id/htjgi/pdf/amarante-9788575413197-13.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

RESNICK, Mitchel. **Jardim de infância para a vida toda: para uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos**. Porto Alegre: Penso, 2020.

SILVA, Luana Alves de Jesus. Trajetória das bonecas ritxòkò Karajá: cultura material no Museu de História Natural do Instituto do Trópico Subúmido – ITS/PUC Goiás. Monografia (Graduação em Arqueologia), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3565/1/TCC%20FINAL%20-%20Luana%20Alves.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, mar. 2006. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 out. 2023.

SPINK, M. J., MENEGON, V. M., & MEDRADO, B. (2014). Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, 26(1), 32-43. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ha/a/jrZcJSC76yHgyv4qyfvHGQK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 de out. 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido: 19/01/2023

Aprovado: 11/10/2023

DOI: 10.3895/rts.v19n58.16331

Como citar:

MUNARETTO, E. C. de P. L.; SILVA, M. C. da. Oficinas de grafismo Karajá em bonecas de pano: um olhar para a cultura indígena em projeto de extensão universitária. **Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 19, n. 58, p. 325-342, out./dez., 2023. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/16331>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

